

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

VINÍCIUS SANTANA VELOSO

**VIVÊNCIAS EM PAUTA:**  
**A história de jornalistas negros**

BRASÍLIA  
2º/2020

Vinícius Santana Veloso

**VIVÊNCIAS EM PAUTA:**  
**A história de jornalistas negros**

Memorial descritivo de produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Carolina Kalume Maranhão.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Carolina Kalume Maranhão

ORIENTADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Kelly Tatiane Martins Quirino  
MEMBRO

---

Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira  
MEMBRO

---

Prof. Dr.<sup>a</sup>. Emília Silveira Silverstein  
SUPLENTE

Brasília, 2º/2020

## **AGRADECIMENTOS**

Muitas pessoas foram responsáveis - diretamente ou indiretamente - pela escolha da temática e pela produção deste trabalho. Infelizmente não poderei mencionar todos os nomes, mas tenham a certeza que estão todos presentes no meu coração.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais por todo o suporte, incentivos e amor. No mesmo sentido, agradeço ao meu irmão por estar sempre ao meu lado, em todos os momentos. A importância de vocês é imensurável.

Agradeço também aos professores que fizeram parte da minha formação escolar e acadêmica. O aprendizado que adquiri para chegar neste momento e realizar um trabalho de tamanha importância e qualidade passa diretamente por vocês.

De forma especial, menciono a professora Ana Carolina Kalume que, mesmo em meio ao caos de um semestre remoto, no meio de uma pandemia, segurou a minha mão e acreditou que esta orientação de trabalho final daria certo. Muito obrigado por todo o apoio e tempo investido nesse projeto.

Agradeço também à Kelly Quirino pelas indicações de leitura na fase inicial da elaboração do trabalho.

Com muito carinho, deixo o meu sincero obrigado aos meus supervisores de estágio no Correio Braziliense e no Supremo Tribunal Federal. Aprendi muito com os ensinamentos de vocês.

Agradeço a todos os meus amigos. Sinceramente não sei se mereço tamanho carinho que recebo de vocês. Aos conhecidos no colégio, na universidade, no futebol e em diversos outros ambientes, vocês fazem a diferença em todos os dias da minha vida.

Dentre eles, dois merecem um reconhecimento especial. João Guilherme Romariz e Luiz Philippe Tassy, que estão ao meu lado há muitos anos e enfrentaram este processo de graduação ao meu lado, de forma quase literal. Se não fosse pela companhia e apoio de vocês, eu não chegaria até aqui.

Por fim, agradeço aos jornalistas entrevistados neste projeto. Para além da participação, todas as mensagens de apoio e incentivo enviadas me motivaram de verdade. Se não fosse pela história de vocês, este produto não existiria.

*História, nossas histórias  
Dias de luta, dias de glória  
Histórias, nossas histórias  
Dias de luta, dias de glória.*

*Dias de luta, dias de glória – Charlie Brown Jr.*

## RESUMO

Este projeto tem como objetivo a realização de uma reportagem-perfil sobre a trajetória de seis jornalistas negros, atuantes em redações jornalísticas do Distrito Federal, escrita para o meio digital. A intenção é contar a história de vida dessas pessoas, tanto no âmbito pessoal quanto no âmbito profissional como forma de ampliação do olhar acerca de questões relacionadas a representatividade e reconhecimento. A pesquisa destaca, também, o processo histórico de construção social na América Latina do trabalho do jornalista a partir da questão racial, a história do jornalismo negro no Brasil e ressalta a importância das entrevistas em profundidade como meio de expressão de uma classe. A busca é pela produção de uma reportagem-perfil que insira jornalistas negros enquanto protagonistas, com a possibilidade de contar a história de vida até chegar nesta profissão. Eliminam-se estereótipos sobre uma classe e são apresentados caminhos diferentes dos até então relatados sobre a trajetória de jornalistas negros.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Reportagem-Perfil; Jornalista Negro; Histórias de Vida; Produção Narrativa.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>7</b>  |
| <b>2. OBJETIVO GERAL.....</b>   | <b>11</b> |
| <b>2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>   | <b>11</b> |
| <b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>  | <b>12</b> |
| 3.1. PLATAFORMA DE DIVULGAÇÃO .....   | 13        |
| <b>4. A IMPRENSA NEGRA E AS PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS NO BRASIL .....</b>                 | <b>14</b> |
| 4.1. O JORNALISMO E SEUS ATORES .....   | 14        |
| 4.2. A NOTÍCIA E A REPORTAGEM ENQUANTO MARCO DE CONSTRUÇÃO<br>SOCIAL DA REALIDADE ..... | 19        |
| 4.3. REPÓRTERES NEGROS.....   | 21        |
| 4.4. AÇÕES AFIRMATIVAS E RACIAIS.....   | 22        |
| <b>5. METODOLOGIA .....</b>   | <b>24</b> |
| 5.1. ESCOLHA DO TEMA .....  | 24        |
| 5.2. PROCESSO DE PRODUÇÃO .....   | 25        |
| 5.2.1. PRÉ-PRODUÇÃO.....  | 25        |
| 5.2.2. ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE .....  | 25        |
| 5.2.3. PRODUÇÃO .....   | 26        |
| 5.2.4. PÓS-PRODUÇÃO .....   | 28        |
| 5.3. CRONOGRAMA DE PESQUISA .....   | 28        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>29</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>30</b> |
| <b>APÊNDICES .....</b>  | <b>33</b> |
| <b>APÊNDICE I .....</b>   | <b>34</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país formado por uma maioria negra. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE (2018)<sup>1</sup>, 56,1% das pessoas se declaram negras no Brasil (9,1% pretos e 47% pardos). Mesmo assim, a representatividade dentro das redações jornalísticas é baixa. Um emprego que deveria ser disputado apenas pela qualidade e formação de uma pessoa acaba englobando características que fogem de uma avaliação profissional e seguem para uma avaliação majoritariamente racial.

A presença de negros no ambiente jornalístico é uma temática que vem ganhando força nas discussões acerca da profissão. Segundo dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2012)<sup>2</sup>, realizada pela Federação Nacional de Jornalistas, apenas 23% dos jornalistas são negros (5% pretos e 18% pardos). O questionamento sobre a presença dessas pessoas existe e está diretamente ligado à construção identitária no Brasil. Por ser um país colonizado por europeus, as relações de poder e controle dos brancos para com os negros sempre existiu. Mais do que isso, foram preponderantes para a divisão de cargos de trabalho, criando um estigma que perdura até os dias atuais. Os negros, colocados no século XV como escravos e, posteriormente como advindos da base em um sistema estrutural capitalista, encontram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho.

No Brasil, a atividade jornalística se iniciou no ano de 1808. Entretanto, a imprensa negra começou a produzir vinte e cinco anos depois, em 1833, por meio do

---

<sup>1</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, 2018. Conteúdo disponível em: [Tabela 6403: População, por cor ou raça \(ibge.gov.br\)](https://ibge.gov.br/tabela/6403-populacao-por-cor-ou-raça). Acesso em: 5 de março de 2021

<sup>2</sup> Perfil do Jornalista Brasileiro, 2012. Conteúdo disponível em: [Microsoft PowerPoint - Perfil do jornalista brasileiro-Revis3430 final \(ufsc.br\)](https://ufsc.br/jornalista-brasileiro-Revis3430-final). Acesso em: 5 de março de 2021



jornal O Homem de Cor. Foi “o primeiro jornal brasileiro dedicado à luta contra os preconceitos de raça” (Camargo, 1987), com o conteúdo em prol da integração social e da liberdade das pessoas negras. Percebe-se que, nos primórdios das publicações jornalísticas no país, existiu uma exclusão racial. A evolução aconteceu lentamente, com uma passagem pela segregação e chegando, posteriormente, em uma difícil integração entre negros e brancos em uma mesma veiculação. Segundo o artigo Imprensa Negra<sup>3</sup>: descobertas para o Jornalismo Brasileiro, desde 1833, “os jornais negros frisavam os direitos constitucionais dos cidadãos brasileiros para ilustrar o grau de exclusão e discriminação que atingia os descendentes de africanos”.

Mesmo após dois séculos de história, os reflexos do passado continuam presentes na atualidade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), no estudo Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça (PCERP, 2008)<sup>4</sup>, o Distrito Federal se destacou com os maiores percentuais de percepção da influência da cor ou raça no trabalho (86,2%), escola (71,4%) e repartições públicas (68,3%). Entretanto, os motivos que levaram os entrevistados a responder dessa maneira não estão explícitos. Logo:

É necessário impedir a constante projeção de imagens degradantes e negativas em relação aos negros e indígenas, bem como é importante apontar distintos estilos de vida como diferenças e não apenas como desigualdades. (HIDÉLZIA, 2007, p. 28).

---

<sup>3</sup> Imprensa Negra: descobertas para o Jornalismo Brasileiro, 2014. Conteúdo disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/1984-6924.2014v11n2p555/28245>. Acesso em: 4 de março de 2021.

<sup>4</sup> Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça (PCERP), 2008. Conteúdo disponível em: [IBGE divulga resultados de estudo sobre cor ou raça | Agência de Notícias | IBGE](#). Acesso em: 8 de março de 2021

Dentro desse contexto, a produção de uma reportagem-perfil que insira jornalistas negros enquanto protagonistas, com a possibilidade de contar a história de vida até chegar nesta profissão, fez-se necessária. Mesmo com a existência de um recorte jornalístico, o produto textual conta com uma diversidade que elimina estereótipos sobre uma classe e apresenta caminhos diferentes.

Para a realização deste produto, o caminho escolhido utilizado foi a entrevista em profundidade, com o objetivo de coletar informações mais completas e detalhadas acerca da trajetória percorrido pelas pessoas até o momento atual, enquanto profissionais do jornalismo. Também por conta da pandemia, com a necessidade de permanecer em casa como medida de prevenção, o foco na realização deste produto foi mais intenso do que o esperado. A adesão dos jornalistas negros também surpreendeu positivamente. André Ricardo Nunes Martins (54), Jorge Luiz Vasconcellos (59), José Francisco de Assis (61), Marcello Henrique Santos Corrêa da Silva (31), Mateus Souza Maia (24) e Willian Matos Ferreira (25) são os nomes que compõem as entrevistas e ilustram a presente pesquisa.

Os nomes que compõem a narrativa produzida foram escolhidos tomando como base um processo de escolha por faixa etária e veículos jornalísticos. A utilização exclusiva do gênero masculino se deu em função da não equivalência entre as situações vividas com as jornalistas do gênero feminino. A escolha foi empreendida tomando como base a atuação no mercado profissional, incluindo o veículo em que atua cada um dos sujeitos acima identificados.

Com uma diversidade de idades entre os entrevistados, o produto busca apresentar as dificuldades, superações, vitórias e conquistas dos entrevistados antes e durante o processo de profissionalização no jornalismo, em uma narrativa que preza pela humanização do relato e propõe, de forma objetiva, uma reflexão sobre preconceito e racismo.

Bem aceita por todos os personagens, a proposta não teve restrições com relação à temática das questões colocadas durante as entrevistas em profundidade, realizadas de forma remota, por meio da plataforma Zoom, com gravações em áudio, por conta da pandemia provocada pela covid-19, durante os meses de março e abril de

2021. Pode-se afirmar que, apesar do distanciamento físico, a experiência por meio da internet contemplou as expectativas tanto do entrevistador quanto dos entrevistados. Com a aplicação jornalística realizada de casa e de forma digital, os riscos de contaminação em consequência da entrevista foram reduzidos a zero. De certa forma, conduzir este método de maneira semipresencial trouxe um conforto que potencializou as interações entre as partes envolvidas no processo.

Com a apresentação de seis jornalistas do Distrito Federal com idades diferentes e que vivenciaram o jornalismo em épocas distintas, uma espécie de linha temporal acaba por ser traçada dentro da narrativa, aproximando-se do conceito de Lima (2009). O autor afirma que a reportagem ganha o status de grande reportagem quando incorpora elementos narrativos que possibilitam a compreensão verticalizada do tema no tempo e no espaço ao estilo do melhor jornalismo interpretativo.

Segundo Dos Santos (2016, p. 11), o jornalismo deve oferecer informações qualificadas sobre temas de relevância social que ajudam o leitor a interpretar a realidade. A transmissão qualificada de informações traz visibilidade para histórias esquecidas ou apagadas dentro das reportagens.

Além de abordar temas contemporâneos de relevância social, a grande reportagem ilumina o passado das histórias pouco contadas. É por meio de aprofundada investigação jornalística que um tema que ficou fora da documentação da imprensa ou foi realizado de forma pífia no passado pode voltar à tona. Se o jornalismo tem o poder de colaborar com a construção social da realidade ao escolher o que pode ser esquecido ou lembrado, é uma atividade que colabora com a memória identitária e com a construção da memória coletiva (DOS SANTOS, 2016).

As histórias contadas pelos personagens, que estavam eternizadas apenas na lembrança deles, deixam de ser tratadas como momentos pessoais e ganham importância e notoriedade para todos os leitores através da produção da reportagem-perfil.

## **2. OBJETIVO GERAL**

O presente trabalho tem como objetivo a produção de uma reportagem-perfil que narra a história de seis jornalistas negros que trabalham em redações jornalísticas do Distrito Federal e registra suas diferentes jornadas de vida. André Ricardo Nunes Martins (54), Jorge Luiz Vasconcellos (59), José Francisco de Assis (61), Marcello Henrique Santos Corrêa da Silva (31), Mateus Souza Maia (24) e Willian Matos Ferreira (25) são os nomes que compõem as entrevistas e ilustram a presente pesquisa.

### **2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- I. Contribuir com o debate sobre a acentuada desigualdade racial existente no jornalismo brasileiro a partir dos relatos de vida do público-alvo escolhido para a pesquisa.
- II. Empreender por meio do processo narrativo a construção de um panorama abrangente sobre o público-alvo escolhido para a presente pesquisa, como forma de análise do processo histórico social dos negros no jornalismo em formato de reportagem.

### 3. JUSTIFICATIVA

Redigir uma reportagem-perfil com a história de diversos jornalistas negros é uma forma de reconhecer a existência de um grupo social dentro da determinada profissão. Medina (2003) defende que “a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano” (p.52). A construção de um produto foi uma escolha tomada como forma de demonstrar relevância e a luta de atores sociais que foram excluídos socialmente, muito por conta de um processo étnico-racial que continua presente na sociedade brasileira. Esta forma de construção narrativa se deu por escolha e aproximação do pesquisador com o tema de pesquisa. É visto que do ponto de vista profissional, o preconceito desqualifica o discurso de seus atores, que não deixam de merecer uma disputa por espaço em condições de igualdade com qualquer outro profissional.

Reconstruir as narrativas de vida é uma forma de exaltar jornalistas que fazem parte do processo e vivenciam a causa diariamente. Os negros merecem reconhecimento. A conquista é a mesma para todos, mas a luta é sempre mais difícil para nós. É necessário, também, compreender todas as dificuldades existentes antes e durante o processo de formação de um profissional negro.

Preconceito. Racismo. Silenciamento. Subestimação. Expor as questões citadas anteriormente não com a intenção de causar espanto ou estranhamento ao leitor, mas mostrar que é uma realidade recorrente. Do mais novo ao mais experiente. De quem constrói a jornada até o que concluiu. Independente das diferenças nos contextos de vida, todos têm algo em comum para mostrar: contrariando as estatísticas, é possível realizar o sonho de se tornar um jornalista. Ter uma imprensa negra resulta na construção de uma identidade negra.

(...) pesa para o leitor de uma narrativa o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida. De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano [...]. Contar uma boa história, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 2003, p.52).

Este projeto foi pensado como forma de criar um produto que pudesse reproduzir histórias voltadas para a narrativa da vida pessoal e profissional de jornalistas negros

no DF. Existe uma motivação adicional por conta da identificação com os relatos — racionais e sentimentais — dos personagens. Desenvolver uma reportagem com potencial de impactar e motivar outras pessoas positivamente é motivo de orgulho.

### 3.1. PLATAFORMA DE DIVULGAÇÃO

O Medium é uma plataforma de publicação de textos. O site, fundado por Evan Williams em 2012, permite que qualquer usuário inscrito compartilhe histórias e ideias gratuitamente. O funcionamento é semelhante ao de um blog, com opções de personalização de perfil e ferramentas que possibilitam a criação de publicações com recursos diversificados como fotos e destaques textuais.

A plataforma funciona também como uma rede social, visto que as publicações são compartilhadas com seguidores, outras pessoas que estão inscritas e pessoas que receberem o link de forma externa. Os recursos de resposta e recomendações estão disponíveis para os leitores interagirem com o texto publicado.

## 4. A IMPRENSA NEGRA E AS PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS NO BRASIL

### 4.1. O JORNALISMO E SEUS ATORES

O surgimento do jornalismo se deu no início do século XVII com a formação das nações europeias. Os textos tinham o objetivo de exaltar o Estado ou a fé, a partir das línguas de cada região. A invenção da prensa de Gutenberg, utilizada para a impressão em grandes quantidades, possibilitou a criação de jornais periódicos, distribuídos para a população. A linguagem empregada nas notícias era literária, inspirada em grandes autores da época como Camões e Shakespeare. A função era informativa, mas com foco nos fatos editoriais, ocasionalmente opinativos, desenvolvidos nos textos.

Por muitas décadas, o jornalista foi essencialmente um publicista, de quem se esperavam orientações e interpretação política. Os jornais publicavam, então, fatos de interesse comercial e político, como chegadas e partidas de navios, tempestades, atos de pirataria, de guerras ou revolução; mas isso era visto como atração secundária, já que o que importava mesmo era o artigo de fundo, geralmente editorial, isto é, escrito pelo editor - homem que fazia o jornal praticamente sozinho. (LAGE, 2004, p. 5).

As publicações jornalísticas ganharam uma nova forma apenas no século XIX, com a chegada da Revolução, habilitando uma nova construção social. Com a presença de mais pessoas no comércio e novas comunidades habitacionais surgindo, as informações se tornaram mais objetivas e precisas. Pelo mesmo motivo, a produção de jornais se expandiu para atender a todos, contemplando o advento de novas formas de impressão.

O crescimento dos jornais possibilitou a entrada de outros tipos de conteúdo nas páginas, aumentando o volume total dos periódicos e iniciando um processo capitalista pela publicação nos novos espaços. Os jornais se tornaram, também, fonte de entretenimento e divulgação.

A luta pelo mercado desatariava, nas décadas seguintes, forte concorrência entre gêneros distintos que os jornais passaram a abrigar: as novelas ou folhetins - textos literários extensos, que se publicavam em capítulos, nos rodapés de página; os desenhos alegóricos ou satíricos, que dariam origem ao cartum, à charge e às histórias em quadrinhos; as novidades, com ênfase ora na vida real e na realidade imediata, ora em países remotos, cujos estranhos costumes e paisagens ofereciam a dose necessária de fantasia. (LAGE, 2004, p. 6).

Foi nesta época que a atividade jornalística surgiu no Brasil. Em 13 de maio de 1808, um decreto real autorizou a criação da Imprensa Régia no Brasil. As publicações iniciais foram pautadas em cima da política, diferentemente da Europa, por conta da presença da Corte portuguesa no Brasil.

A Gazeta do Rio de Janeiro, um dos primeiros jornais a circular no país, pertencia e era redigido pela secretaria da Corte. Notícias estrangeiras, da família real e atos do governo estavam presentes nas publicações bissemanais. O outro jornal da época era o Correio Braziliense, impresso em Londres. A diferença entre eles é explicada por Lavina Madeira Ribeiro:

A Gazeta não pode ser considerada como uma prática jornalística genuinamente brasileira. Ela era uma estrangeira, à medida que não abrangia os fatos da realidade local e se dirigia, sobretudo, aos integrantes da Corte portuguesa recém-instalada no País. Seu ponto de vista era o da fala monárquica. Ela satisfazia, por um lado, as demandas dessa fala de dar conhecimento a toda Corte e afins de seus atos oficiais e, por outro, às expectativas desta Corte de não perder o desenlace de assuntos palacianos e internacionais a que foi provisoriamente coagida submeter-se de forma tão radical. Já o Correio Braziliense ou Armazém Literário, como também era denominado por Hipólito da Costa, apesar de impresso em Londres, pode ser justamente considerado, neste período de permanência da Corte no Brasil, como o fez C. Rizzini, "o nosso único jornal informativo, doutrinário e pugnaz" (RIBEIRO, 2004, p. 37).

Importante registrar, também, que a imprensa negra iniciou as produções jornalísticas no Brasil apenas em 1833, vinte e cinco anos depois do advento do jornalismo no país, por meio do jornal O Homem de Cor. Os jornais eram feitos para negros e as pautas eram sobre negros, com foco na liberdade e na integração social, bem como inseridos na luta contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial no Brasil. Almeida (2018, p. 25) define o racismo como "uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam".

Passam pela história da imprensa negra brasileira as divulgações de casamentos em formas de folhetins, as convocações para atos públicos do Movimento Negro Unificado (MNU) e também os artigos mais elaborados que denunciavam a discriminação racial no país a partir dos estudos sociológicos e filosóficos sobre o colonialismo, realizados pelos (as) próprios (as) negros (as) (XAVIER, 2013, p. 28).



No século XX, o jornalismo se estabeleceu nos países com noticiários padronizados, a presença de editoriais e a consolidação da forma de se produzir notícia, através do lead - com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento (Lage, 2004). Nos anos 1960, a tecnologia começa ganhar espaço nas produções jornalísticas e diversifica os estilos de produção em rádio, televisão e, posteriormente, no final da década, online.

O jornalismo, enquanto profissão, busca analisar, apurar e transmitir informações para o público através de um meio de comunicação. Segundo Kovach e Rosenstiel (2004, p. 22), existem nove elementos básicos que definem o jornalismo.

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus praticantes devem manter a independência daqueles a quem cobrem.
5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público.
7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.
8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004).

Este projeto oportuniza a criação de um produto que reproduz histórias que servem de inspiração pessoal e profissional. Existe uma motivação adicional por conta da identificação com os relatos — racionais e sentimentais — dos personagens. Desenvolver uma reportagem com potencial de impactar e motivar outras pessoas positivamente é motivo de orgulho.

A função social de informar de maneira objetiva o cidadão passa por um intermediário: o jornalista. Todo o processo de formação do que vai ser noticiado passa por esse profissional através da apuração. Para Jorge (2006), é o responsável pela seleção dos melhores fatos, que são transformados em notícias.

O pintor escolhe as melhores telas para usar como base de sua obra; o desenhista é capaz de apontar os papéis mais adequados a uma tarefa. O jornalista lida com fatos e deve ter habilidade para classificar acontecimentos pelo nível de interesse ou impacto que causam no leitor, descartando os que concentram pouco ou nenhum valor jornalístico. Nesse sentido, é como o marceneiro que escolhe as melhores tábuas (JORGE, 2006).

No século XXI, a temática racial ganhou força dentro das discussões nacionais. Porém, no jornalismo, ainda existe um estigma no qual os negros são inferiorizados. Os jornalistas negros são minoria dentro das redações jornalísticas e representam uma porcentagem ínfima nos grandes cargos. Segundo dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2012), realizada pela Federação Nacional de Jornalistas, apenas 23% dos jornalistas são negros (5% pretos e 18% pardos) (FENAJ, 2012).<sup>5</sup>

A baixa representatividade de jornalistas negros faz parte do processo histórico de colonização das terras brasileiras. No século XV, a ideia de raça surgiu na América Latina, originada das diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados. Dentro desse padrão de poder começam a se formar os conceitos sociais. Segundo Quijano (2005), o estabelecimento dos portugueses em terras brasileiras deu início a um movimento de hierarquia, imposição e classificação social definida a partir da raça.

A formação social no Brasil, então, ficou refém dessa divisão de classe. Dentro do jornalismo, a história não é muito diferente. Como citado acima, os negros ganham espaço com produções autorais, feitas por negros e para negros. Diversos jornais são lançados nos séculos XIX e XX, com conteúdo de nicho - variáveis de acordo com a região, porém de qualidade. Ao mesmo tempo, a segregação fica escancarada. Os grandes jornais da época contavam apenas com jornalistas brancos e exploravam temáticas importantes para uma minoria, mas que era parte privilegiada da sociedade civil.

A partir da década de 1960, quando o ambiente das redações ganha espaço e se inicia uma inclusão racial na profissão, o homem negro é colocado em uma plataforma diferente. Uma dificuldade presente nesta época era a entrada do negro nas universidades públicas e federais. As faculdades particulares, com preços altos de

---

<sup>5</sup> Perfil do Jornalista Brasileiro, 2012. Conteúdo disponível em: [\(Microsoft PowerPoint - Perfil do jornalista brasileiro-Revis\343o final\) \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 5 de março de 2021

matrícula, eram um sonho distante. Então, a formatura no curso de Jornalismo não era fácil. Mesmo assim, alguns conseguiram chegar às redações, mostrando que era possível ocupar um espaço majoritariamente branco. Entretanto, dentro do próprio jornalismo, a discriminação e o preconceito existiam, seguindo um padrão social estabelecido.

Enquanto os jornalistas brancos se dividiam entre as editorias de maior importância - como política e economia, os negros começavam, em sua maioria, trabalhando em coberturas da cidade. Rotineiramente, eram enviados para as delegacias e hospitais com a função de verificar os registros diários e apurar possíveis casos relevantes. Por conta da identificação, quem subiam os morros e entravam nas favelas eram os pretos. Mesmo sem formação, diversos homens foram contratados para exercer esta função e se profissionalizaram desta forma.

Dentro das pautas, a presença dos negros também era inferiorizada. Nas matérias criminais, o aparecimento era constante. Nas outras páginas, raríssimo. A falta de negros no ambiente afetava diretamente no fazer jornalístico. O destaque era o esporte, principalmente o futebol, onde a concentração de grandes personagens negros era significativa demais para ser rechaçada.

Nas décadas de 1980 e 1990, os jornalistas negros ganharam espaço dentro de novas editorias. O racismo, por característica, era estrutural. A concepção é definida por Guimarães (2012, p. 25) como o que está presente nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas e faz com que a responsabilização individual e institucional por atos racistas não extirpe a reprodução da desigualdade racial. Em coberturas de pautas especiais, de pautas nacionais, a sociedade, como um todo, não enxergava o potencial de uma pessoa preta e não a relaciona com um repórter de campo. A luta por reconhecimento dentro da própria profissão sempre foi mais difícil para um negro.

Com o passar dos anos, a ideologia dominante determinou que no Brasil, principalmente pela intensificação da miscigenação através dos grandes fluxos migratórios europeus, se vive uma “democracia racial”. Esse discurso foi naturalizado e faz parte do senso comum acreditar que no país da miscigenação não existem problemas nas relações raciais. Assim, todos os grupos são aceitos, independentemente da cor, religião ou cultura. Essa pesquisa parte do entendimento que essa falsa harmonia esconde o racismo e a discriminação raça, gênero, classe social e uma falsa consciência esclarecida do Brasil. (XAVIER, 2013, p. 21).

Os avanços raciais dentro da profissão e também nas pautas chegam ao século XXI, principalmente por conta do advento tecnológico da internet. Os movimentos raciais ganham força e voz de expressão. No ambiente jurídico, a política do sistema de cotas proporciona maior adesão de pessoas negras às universidades federais e públicas. A representatividade negra cresce em diversas áreas da sociedade, incluindo o jornalismo. A presença do profissional negro em ambientes externos, em editorias diversas, acontece com maior naturalidade. As questões de preconceito e discriminação diminuíram consideravelmente, muito por conta da movimentação de comissões pela igualdade racial.

#### 4.2. A NOTÍCIA E A REPORTAGEM ENQUANTO MARCO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Conceituando um grupo de jornalistas como imprensa, Isabel Travancas afirma que a imprensa é responsável por fazer escolhas, pois informar é escolher. A partir desta construção, define a notícia como “a mola mestra do jornalismo, atrás da qual corre o jornalista.” (1992, p. 33), mas também ressalta as dificuldades de definição do termo “em um mar de informações diárias” (1992, p. 33).

Jorge (2006) corrobora com a dificuldade em encontrar um significado único para o termo notícia ao apresentar vinte e uma definições de diferentes autores no artigo e traz uma elucidação de notícia dentro do campo do jornalismo como um estilo de escrita específico.

No jornalismo, a notícia, além de aparecer como sinônimo de comunicação, informação, ainda é um gênero, por contraposição a outros (reportagem, artigo, coluna), e uma unidade básica de produção, que engloba um determinado *modus faciendi*, obedece a regras e oferece um certo resultado: o relato publicado. (JORGE, 2006).

De acordo com a citação acima, a notícia é um gênero jornalístico, mas o termo notícia pode ser conceituado como um sinônimo para os outros gêneros, visto que são informativos e têm a função primária de comunicar a sociedade. José Marques de Melo,

no livro *Gêneros Jornalísticos*, define a notícia e a reportagem como informativas. Sendo assim, faz-se necessária a elucidação do termo reportagem, para explicar a utilização do estilo no presente projeto e diferenciar as formas de transmitir informação jornalisticamente.

A reportagem é uma forma diferente de transmitir o conteúdo para o cidadão. O gênero informativo exige uma dedicação maior por parte dos jornalistas - aqui denominados como repórteres - para tratar as pautas. É necessário ir além dos acontecimentos visíveis e aprofundar nas implicações e antecedentes, realizando um trabalho de investigação (Lage, 2004).

O repórter é, portanto, mais do que um agente inteligente, tal como o descreve a atual teoria da inteligência artificial. Além de processar dados com autonomia, habilidade e reatividade, modela para si mesmo a realidade, com base no que constrói sua matéria. (LAGE, 2004).

Quando surgiu, no século XIX, a reportagem apresentava um caráter revelador. Os repórteres eram os responsáveis por expor os motivos reais para o acontecimento dos fatos e trazer novas nuances para os textos. A técnica inovadora de se fazer jornalismo colocou novas pautas em voga, principalmente explorando a visão social.

Em meio à propaganda de sempre, surgiam, pela via da reportagem, os fatos reais. Repórteres passaram a ser bajulados, temidos e odiados. A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista (LAGE, 2004).

A característica do gênero passou por alterações, mas o princípio se manteve. O tema tratado pela reportagem não precisa advir necessariamente de um acontecimento. Os fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial (Lage, 2004) constroem pautas. Isso inclui a análise e observação de eventos em processo e objetos como pessoas - caso do produto desenvolvido neste projeto -, produtos culturais e cidades (Seixas, 2013).

O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma

realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos (LAGE, 2004).

Um dos tipos de reportagem possíveis, a reportagem-perfil busca acrescentar mais narrativas ao conteúdo jornalístico, que, por muitas vezes, acaba por invisibilizar a própria produção. O subgênero, por assim dizer, é comum em revistas e em plataformas digitais. Nos jornais, atualmente, perdeu espaço por conta do tamanho.

O cunho literário presente nas narrativas da contemporaneidade (Medina, 2003) advém do *New Journalism*, um estilo norte-americano de escrita popularizado pela obra *Hiroshima*, de John Hersey. O autor trouxe o realismo para a reportagem, juntamente com o lado humano da história sobre o ataque com a bomba atômica. O estilo valoriza a reportagem com a imersão do repórter na realidade dos fatos de forma concreta e também subjetiva, preocupando-se, também, com o contexto no qual os personagens estão (Vidal e Souza, 2010).

A escolha da reportagem-perfil tem a ver com a questão da visibilidade e profundidade para contar a história de jornalistas negros, bem como a amplitude para a participação - direta ou indireta – do repórter. O estilo cria um panorama mais aberto e concreto em relação à profissão, com maior liberdade artística para o autor (Lima, 2009).

#### 4.3. REPÓRTERES NEGROS

Para exemplificar com casos de sucesso nacional, três repórteres que se tornaram destaques em programas televisivos. Heraldo Pereira e Abel Neto são nomes de relevância nacional. Superaram o preconceito e conquistaram espaço na programação da Globo, por vezes, em horário nobre. Fred Ferreira, de uma geração mais recente, é do Distrito Federal e está na Globo, com aparições diárias na programação matinal da emissora.

O repórter Heraldo Pereira nasceu em Ribeirão Preto, em 1961. Entrou na Globo em 1985. Em 2002 passou a integrar a equipe de apresentadores do Jornal Nacional. Em dezembro de 2017, tornou-se âncora do Jornal das Dez, da GloboNews. Fez parte

da cobertura das Diretas Já, do processo de impeachment de Fernando Collor e da eleição de Dilma Rousseff. O jornalista foi o primeiro negro a fazer parte da bancada do Jornal Nacional.

Abel Neto nasceu em Santos, em 1970. Começou a carreira no jornal impresso Lance e depois passou pela TV Tribuna, afiliada da Globo. Entrou na Globo em 2000 e trabalhou por lá até 2018. No início da trajetória, foi responsável pela cobertura dos times de futebol de São Paulo. Posteriormente, fez parte da cobertura presencial da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, e de 2010, na África do Sul, e integrou a equipe de apresentação do Globo Esporte.

O jornalista e repórter Fred Ferreira nasceu em Brasília, em 1983. É o atual âncora e editor-executivo do Bom Dia DF, programa da TV Globo Brasília. Anteriormente, trabalhou no SBT, TV Justiça, EBC e na rádio CBN.

#### 4.4. AÇÕES AFIRMATIVAS

A Universidade de Brasília faz parte da vanguarda na busca por ações afirmativas com cunho social e racial no ensino superior. Desde 2004, oito anos antes das leis de cotas serem sancionadas, existem vagas reservadas para alunos negros no vestibular da universidade federal.

A política social diminui a disparidade e a distância existente entre os estudantes brancos e negros no sistema público, mesmo com muito trabalho a ser feito. O projeto, criado para aumentar a representatividade de pessoas negras e indígenas nos cursos superiores, contou com a participação da professora Dione Moura, do Departamento de Comunicação da UnB, como relatora. À época, 20% das vagas seriam destinadas aos negros.

Segundo dados do site Rede Brasil Atual<sup>6</sup>, de 2004 a 2018, 7648 alunos ingressaram na UnB pelo sistema de cotas raciais. No mesmo período, 3422 estudantes negros completaram a graduação na universidade pública federal. Em 2018, o curso de Comunicação Social, do qual Jornalismo faz parte, figurava entre os três primeiros com mais estudantes cotistas, com 76 estudantes negros.

Os dados são importantes para compreender o aumento de jornalistas negros nas redações do Brasil. A política afirmativa, de fato, alterou a dinâmica racial e estudantil no ensino superior.

---

<sup>6</sup> Rede Brasil Atual, 2018. Conteúdo disponível em: [Cotas foram revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista - Rede Brasil Atual](#). Acesso em: 27 de maio de 2021



## 5. METODOLOGIA

### 5.1. ESCOLHA DO TEMA

Antes de decidir entre um memorial e uma monografia, a certeza era que queria trabalhar com a temática racial pois foi no âmbito da Universidade de Brasília que compreendi a importância de posicionar-me como pessoa negra. De início, o desejo era unificar a questão racial com o futebol, por ser aficionado pelo esporte, realizando uma análise de repórteres negros nos programas esportivos. Inclusive, comecei a produzir o pré-projeto com essa intenção.

Entretanto, em dezembro de 2020, quando decidi pelo nome de minha orientadora para a presente pesquisa, surgiu a ideia de mudar a abordagem da temática por conta da dificuldade de catalogar vídeos e da proximidade das pesquisas realizadas por minha orientadora sobre jornais online e a subsequente análise sobre conteúdo digital. A avaliação seria de uma investigação sobre os atores e não sobre o material produzido por eles, divulgado nas páginas dos jornais. Chegamos, assim, ao propósito de construção de uma reportagem-perfil sobre a trajetória de jornalistas negros, dentro da imprensa brasileira.

É possível afirmar que a ideia de contar a história de jornalistas negros das redações brasilienses, perpassa o caminho sobre a pouca representatividade de negros nas redações brasileiras. Lembro-me de uma passagem enquanto estagiava no jornal Correio Braziliense, em que um dia, o editor responsável conversou comigo sobre a representatividade e o privilégio que eu tinha de estar estagiando no local. A lembrança desse momento foi um gatilho para desenvolver o produto e a certeza sobre a escolha do tema.

Não sabia se era possível apresentar uma reportagem como projeto de conclusão de curso. Entrei em contato com a orientadora, que confirmou a possibilidade e apoiou a iniciativa. Com apenas um semestre, remoto, pela frente e mais nenhuma matéria para cursar, a pauta apareceu na hora certa. Mesmo iniciado praticamente do zero, aproveitando apenas a bibliografia do pré-projeto, a apuração não seria tão complicada e a produção seria mais tranquila pela minha proximidade com a escrita de

reportagens. Este, então, é um projeto que tem relação direta com o meu futuro como jornalista e a minha vida dentro e fora das redações jornalísticas.

## 5.2. PROCESSO DE PRODUÇÃO

A reportagem-perfil depende diretamente dos personagens. Por isso, os processos de pré-produção, produção e pós-produção, por vezes, misturam-se. As entrevistas, por exemplo, seguem um roteiro que pode ser alterado por conta do critério de noticiabilidade. O termo foi definido por Traquina (2008, p.63), como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Como o texto escrito sofre alterações pelo surgimento de fatores inédito, o desenvolvimento do produto não é conduzido de maneira totalmente linear.

### 5.2.1. PRÉ-PRODUÇÃO

Com apenas três meses para realizar o projeto por completo, a primeira iniciativa foi realizar a pesquisa sobre a temática racial dentro do jornalismo, com foco maior nos jornalistas como atores e não somente nas produções jornalísticas. Da mesma forma, uma pesquisa sobre reportagem foi iniciada para buscar referências na hora de escrever. A leitura de autores reconhecidos no meio acadêmico como Cremilda Medina e Nilson Lage facilitou a compreensão de como conduzir o produto final, a reportagem.

Também na pré-produção, comecei a sondar contatos que poderiam ser personagens da matéria e preparei um roteiro de entrevistas. Nesse momento, surgiu a ideia de buscar jornalistas de diferentes faixas etárias e de diferentes veículos no Distrito Federal com a intenção de ter relatos diversificados e abrangentes.

### 5.2.2. ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

As entrevistas são parte essencial da construção da reportagem. É possível dizer que sem os relatos dos personagens, não existiriam materiais que se sustentariam para uma publicação. Como diz PEREIRA (2008, p. 71), uma entrevista representa processos de interpretação das situações presentes e passadas. Ao falar, o

entrevistado ordena e reconstrói sua experiência, buscando criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos.

Utilizar essa estratégia com os seis jornalistas selecionados foi importante para entender o panorama completo da trajetória de vida de cada um, bem como os passos profissionais, desde o início até o presente momento. Além da coleta informacional, a técnica, quando realizada ao vivo, permite que assuntos sejam aprofundados ou deixados de lado instantaneamente, a depender da relevância para a construção do produto. A entrevista deve, portanto, ser vista como uma interação. Ela não é um incidente neutro de coleta de dados. Trata-se, na verdade, de construções da realidade, ocasiões em que o entrevistado busca fabricar significados à sua experiência tendo em vista o seu interlocutor. (PEREIRA, 2008, p. 71).

Um roteiro foi elaborado, com um texto explicativo e motivador sobre o porquê da reportagem e uma série de perguntas abertas para os entrevistados. Na condução das entrevistas, entretanto, algumas foram cortadas e outras adicionadas, de forma não padronizada.

### 5.2.3. PRODUÇÃO

Realizar este trabalho não foi fácil. Viver no meio de uma pandemia era uma situação inimaginável. A questão psicológica foi um dos maiores obstáculos para a realização do produto. Isolado dentro de casa por meses, a produtividade não é a mesma e a relação diária com os familiares também é um desafio.

Durante o dia, em meio ao estágio remoto no Supremo Tribunal Federal, realizava o processo de apuração. Selecionei seis nomes de jornalistas negros de redações do Distrito Federal e comecei a entrar em contato convidando para o projeto. Confesso que estava nervoso com o acatamento da ideia por parte deles. Para minha surpresa, todos os seis jornalistas aceitaram participar, elogiaram a pauta selecionada e agradeceram, de forma honrada, pela escolha.

Um dos problemas, entretanto, era a questão das entrevistas. Por conta da possibilidade de contaminação com o coronavírus, não pude realizar de forma presencial. A alternativa foi fazer de forma virtual, por meio do aplicativo Zoom, que

permite a gravação da reunião. Os personagens aceitaram a ideia, também priorizando o fator saúde.

Com a minha mãe em trabalho remoto, meu pai acertando os detalhes do novo emprego e meu irmão estudando para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), os dois computadores da casa eram compartilhados. Mesmo com um trabalho de conclusão de curso, não fiz questão de entrar em discussões sobre a utilização dos aparelhos. Apenas pedi para que, nos dias especificados, pudesse usar o computador por uma hora para a realização das entrevistas.

Tudo correu bem, conforme planejado. Preparei um roteiro de entrevista, mas em todas as entrevistas tive que me adaptar às surpresas das histórias contadas. Digo isso de forma positiva, pois consegui puxar relatos preciosos e importantes para a construção da reportagem, que era idealizada em minha mente. Os protagonistas desse trabalho facilitaram a minha tarefa ao se abrir e detalhar as situações marcantes na trajetória de vida.

Após as entrevistas, a missão de decupar os áudios. Como eram grandes, realizei por parcelas diárias para aperfeiçoar o processo e não tornar cansativo. A parte mais difícil seria escrever. Com a cabeça cheia do estágio e os computadores ocupados na maior parte do dia, por vezes, a vontade de trabalhar na reportagem era nula. Meu processo de produção escrita aconteceu majoritariamente no período da madrugada, quando tive maior liberdade para pensar e desenvolver os pensamentos. Aproveitava para dormir de tarde, com o objetivo de ter energia no horário menos convencional, após a meia noite, quando todos em casa estavam dormindo.

Outro ponto importante é a questão da criatividade. Acostumado com as redações, sempre desenvolvi melhor os textos quando escrevia próximo ao deadline. As ideias parecem fluir melhor em minha mente quando estou sob pressão. Nesse projeto, não foi diferente. Tentei começar a produção antes, com maior espaçamento de tempo, mas não consegui. Quando recebi o ultimato da orientadora, de que deveria entregar a reportagem para correção, tudo fluiu. A concepção de escrever a reportagem em blocos, com ganchos diferentes, unidos pela temática central, funcionou. Apesar de extenso, em dois dias o texto estava pronto.

#### 5.2.4. PÓS-PRODUÇÃO

A pós-produção conta com a entrega do produto final para a Faculdade de Comunicação. Posteriormente, a diagramação e publicação da reportagem na plataforma Medium, escolhida para divulgar o produto realizado para o público, facilitando o envio e compartilhamento nas redes sociais.

#### 5.3. CRONOGRAMA DE PESQUISA

| Etapas do trabalho                              | Fevereiro<br>2021 | Março<br>2021 | Abril<br>2021 | Mai<br>2021 |
|---|-------------------|---------------|---------------|-------------|
| Pesquisa bibliográfica e escrita do memorial    |                   |               |               |             |
| Elaboração do roteiro de entrevistas e apuração |                   |               |               |             |
| Entrevistas e decupagem de gravações            |                   |               |               |             |
| Produção da reportagem                          |                   |               |               |             |
| Revisão e finalização do memorial               |                   |               |               |             |
| Entrega para Banca e apresentação final         |                   |               |               |             |

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo processo de apuração e produção da reportagem foi desenvolvida à distância e durante a pandemia provocada pelo coronavírus em todo o mundo. O Brasil está tentando controlar a disseminação do vírus há mais de um ano e a situação parece estar longe de controle. Neste presente momento, em abril de 2021, o país enfrenta a segunda onda pandêmica e tem a maior taxa de mortalidade do hemisfério sul, segundo dados da Agence France-Presse (AFP).<sup>7</sup> Tendo isto em mente, a reportagem foi adaptada por conta das medidas restritivas impostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Mesmo sem ser a temática central do trabalho, a pandemia foi um fator importante no projeto por conta da facilidade de contato com as pessoas. A apuração e as entrevistas, que seriam realizadas presencialmente em um cenário de normalidade, foram transformadas em reuniões virtuais.

O projeto não teve a temática central alterada por conta da pandemia. Os personagens, no caso, realizam a cobertura diária dos acontecimentos regionais, nacionais e mundiais relacionados à covid-19. Contar a história de como se tornaram jornalistas é a maior prova de que estão aptos para lidar com as diversas situações que apareceram, aparecem e vão aparecer durante a trajetória profissional, eliminando qualquer pensamento de caráter preconceituoso e racista.

As mudanças, explicitadas no produto desenvolvido, demonstram a importância do corte geracional dentro do jornalismo. Situações frequentes no século passado acontecem com menos frequência no atual panorama social.

No sentido de reconfiguração do trabalho, as novas experiências de cobertura, produção de conteúdo e apuração transformaram a maneira de se fazer jornalismo. Os smartphones possibilitam entrevistas à distância, por exemplo, sem a necessidade de

---

<sup>7</sup> Dados da Agence France-Presse no site Uol, 2021. Conteúdo disponível em: [Covid: Brasil registra maior índice de mortalidade das Américas \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 28 de maio de 2021.

estar presencialmente nas ruas diariamente. Os estúdios, montados, muitas vezes, dentro das redações, facilitam a criação de novos conteúdos. O advento das redes sociais aperfeiçoou o disparo de notícias para um maior número de pessoas.

As evoluções sobre a questão racial também são nítidas. Casos como o de José Francisco e Jorge Vasconcellos, que sofreram com o preconceito exercendo a profissão apenas por serem negros, são inadmissíveis. Experiências como a de Marcello Corrêa, Willian Matos e Mateus Maia, que demoraram a se encontrar e se enxergar como alunos de uma universidade pública, mostram o quanto a sociedade exclui a população negra. Ações assertivas como a de André Martins, criando um grupo especializado em debates raciais dentro do jornalismo, escancaram a necessidade de tratar a temática da maneira correta.

Fica como reflexão o pensamento sobre como enxergar o outro. Existem pessoas com histórias incríveis que nunca foram contadas e, por vezes, são ignoradas por conta de estereótipos criados com a única intenção de minimizar ou até apagar os méritos pessoais existentes. Temos jornalistas negros com doutorado, recém-formados, próximos da aposentadoria, nascidos em estados diferentes, cada um com uma história a ser contada. É mais uma confirmação de que as pessoas negras, com respeito e condições de igualdade, também realizam sonhos. No caso da presente reportagem, tornam-se jornalistas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CAMARGO, Oswaldo. O negro escrito. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. In: DA ROSA, Isabel Cristina Clavelin. Imprensa Negra: Descobertas para o Jornalismo brasileiro. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 11, n. 1. p. 555-568, jul/dez. 2014.

DA ROSA, Isabel Cristina Clavelin. Racismo em Pauta: A pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000. 2011. 240p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DOS SANTOS, Yara Medeiros. (In)visibilidades da grande reportagem. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Palhoça – Unisul – nov. 2016.

DE MELO, José Marques; DE ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom-RBCC, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan/abr. 2016.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Classes, raças e democracia. 2.Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

JORGE, Thaís de Mendonça. A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. UNIrevista, v. 1, n. 3, p. 1-14. jul. 2006.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo, Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo. Pereira. Páginas Ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo. São Paulo: editora Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. Entrevista – o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

NUNES, Juliana César. Comunicação quilombola: cenários de mobilização, visibilidade e empoderamento. 2013. 138p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PEREIRA, Fábio Henrique. Os jornalistas intelectuais no Brasil: Identidade, práticas e transformações no mundo social. 2008. 468p. Dissertação (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Perfil do Jornalista Brasileiro, 2012. Conteúdo disponível em:

<https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>.

Acesso em: 5 de março de 2021

Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça (PCERP), 2008. Conteúdo disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14057-asi-ibge-divulga-resultados-de-estudo-sobre-cor-ou-raca>.

Acesso em: 8 de março de 2021



Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, 2018. Conteúdo disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>. Acesso em: 5 de março de 2021

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-30.

RIBEIRO, Lavina Madeira. Imprensa e espaço público - a institucionalização do Jornalismo no Brasil 1808-1964. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

SEIXAS, L. Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos. Galaxia, (São Paulo, Online) n. 25, p. 165-179, jun. 2013.

SILVA, Vanessa Patrícia Machado. O processo de formação da lei de cotas e o racismo institucional no Brasil. 2017. 213p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TRAQUINA, Nelson. “Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional”. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2008.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. O mundo dos jornalistas. São Paulo: Summus, 1992.

VIDAL E SOUZA, Candice. Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

XAVIER, Julliana Lopes Bento. A Imprensa negra e as Comissões de Jornalistas pela Igualdade Racial: O combate ao racismo nos meios de comunicação. 2013. 96p. Monografia (Graduação em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

# APÊNDICES

## APÊNDICE I

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Introdução:** A intenção da reportagem é mostrar o caminho que vocês, jornalistas negros das redações de Brasília, percorreram para exercer a profissão. Como maioria da população brasileira e minoria dentro do ambiente jornalístico, esse é um espaço para apresentar as dificuldades, vitórias, alegrias e resistência dos profissionais entrevistados.

**Apresentação:** Nome completo e idade.

**Farei perguntas para que você responda, de forma livre.**

- 1 - Conte um pouco da sua história de vida.
- 2- Como foi o processo de graduação em jornalismo?
- 3- Fale sobre a entrada no mercado de trabalho.
- 4- Atualmente, como está a sua situação profissional?
- 5- Você já sofreu racismo durante sua trajetória profissional?
- 6- Tinham outros colegas negros na redação?
- 7- Quais são suas alegrias e frustrações na profissão?